

# CONFISSÕES AROLDIANAS

REVISTA COMEMORATIVA À PUBLICAÇÃO DO 140º LIVRO DO POETA AROLDO FERREIRA LEÃO

EDIÇÃO 1 - ANO 1 - Nº 1 - DEZEMBRO/2012 A MARÇO/2013

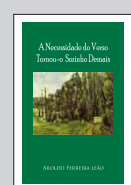
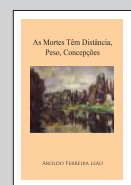
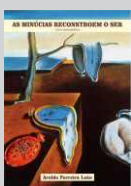
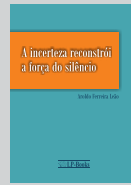


**NAPOLEÃO TAVARES,  
DE BARBALHA/CE,  
APRESENTA O LIVRO  
LAMPIÃO: UM ESTUDO  
DE BUSCA E ESSÊNCIAS**  
PÁG. 03

**DIÓGENES DA CUNHA LIMA,  
DE NATAL/RN, EXPÕE A OBRA  
A MEMÓRIA DAS NOITES**  
PÁG. 12

**RAYMUNDO PEREIRA  
DE SALVADOR/BA,  
COMENTA O LIVRO  
SÓ OS FANTASMAS NOS  
ENTENDEM**  
PÁG. 13

# OBRA COMPLETA: DO 140º AO 71º LIVRO PUBLICADO





# NAPOLEÃO TAVARES COMENTA A OBRA *LAMPIÃO: UM ESTUDO DE BUSCAS E ESSÊNCIAS*

Anteriormente, já ouvira falar em Aroldo Ferreira Leão, através do nosso amigo comum, Agliberto Bezerra, ambos agregados ao serviço público estadual da Bahia. Através de conversas esparsas, soube ser ele percuciente pesquisador do Cangaço, além de inspirado poeta já de mil estrofes nascidas da sua inspiração sertaneja! Somente isto. Pelo meu inicial entendimento, era ele uma futura estrela da literatura cangaceira que despontava no horizonte do controvertido tema. Tudo bem. No ano de 2010, um certo dia, recebi em minha residência, em Barbalha, a visita de Aroldo Ferreira Leão que, estando na Estância – Balneário do Caldas, desceu até a cidade para conhecer-me. Veio com a esposa e filhas e conversamos a tarde toda. Quanto mais se conversava, mais havia o que se conversar. De logo, vi tratar-se de um exímio comunicador: simpático, comunicativo, extremamente versátil, sabendo na ponta da língua estrofes variadas do cancionero popular sertanejo e fatos detalhados da turbulenta cena cangaceira dos sertões. De logo, senti estar ali um notável pesquisador do sempre momentoso tema Cangaço. Após prolongada conversa, no aperto de mão de despedida, veio o que eu não esperava: “O senhor vai prefaciar o meu livro sobre o Cangaço!” Mesmo surpreso com o convite, pus-me à disposição do visitante para prefaciar o seu futuro livro. O tempo foi passando, passando e eis que agora, em junho de 2012, recebi das mãos do amigo comum, Agliberto Bezerra, o “boneco” do livro: “LAMPIÃO: UM ESTUDO DE BUSCAS E ESSÊNCIAS”. De logo, comecei a folhear a grossa e densa brochura e em cada página virada, uma surpresa com muita admiração da minha parte! Inicialmente, pincei alguns capítulos ligados ao nosso Cariri, tais como: A morte de Gonzaga, em Belmonte, A morte de Sabino Gomes e outros mais chegados a nós do Sul do Ceará. Com surpresa, notei a verdade histórica “merejando” dos textos escritos pelo arguto autor. Pensei comigo mesmo: esta obra deveria ser prefaciada por Frederico Pernambucano de Mello, ou Ariano Suassuna ou Pedro Nunes Filho... mas, não poderei furtar-me ao atencioso convite do competente autor e eis-me aqui a elaborar o prefácio pedido. Aroldo Ferreira Leão é um pesquisador de mão cheia e usou uma estratégia *sui generis* na sua pesquisa: buscou os arquivos dos grandes jornais da época, sobretudo nos

telegramas dos chefes de volantes e comandantes policiais aos seus superiores. As verdades daí surgidas são irrefutáveis, como o colorido do verniz do notável pesquisador que é o poeta, o folclorista e versátil Aroldo Ferreira Leão. De início, logo no capítulo de abertura do suculento livro, fiquei realmente surpreso com a beleza do texto “O SERTÃO, O SILÊNCIO DOS INSTANTES!”. Que beleza! Dir-se-ai Euclides da Cunha Redivivo, ou Guimarães Rosa Nordestino. Que primor literário, que vivo colorido vernacular! Do autor eu já esperava muito, mas, não tanto! O livro é bom, é intuitivo, é didático, é brilhante! O texto é extremamente rico em metáforas! O vernáculo é primoroso, às vezes condoreiro e até gongórico! A fauna e a flora do sertão foram postadas em cada frase! Os usos e costumes sertanejos parece



## LAMPIÃO: UM ESTUDO DE BUSCAS E ESSÊNCIAS

AROLDO FERREIRA LEÃO



saltarem de cada capítulo! O vernáculo é escoreito, castiço mesmo! Cada tema é exaustivamente debatido, documentado, tudo com as fortes nuances da verdade histórica. A riqueza iconográfica salta aos olhos de cada leitor. O potencial bibliográfico é extremamente abrangente. No livro há cerca de 203 fotos de informantes e entrevistados! Da saída de Lampião das tórridas terras do Pajeú e regiões vizinhas, o inspirado autor diz o seguinte: “No dia vinte e três, Lampião, rês que desfez em si os augúrios e arrepios da descomunhão, na região do Navio, pernoita no lugar Ponta Fina, com Ponto fino e mais sete cabras. Estava, sem sobras nem dobradas,

vivenciando as obras do extermínio do bandidismo no Sertão pernambucano. No cano do fuzil confiava, fiava suas ações e deserções, porções de senões a invadi-lo e aturdi-lo sistematicamente. Visivelmente fragilizado, não se entregava a dissuasões, suave, sugava o aroma do abandono, sumia, surgia, em locais os mais variados, antigo balaio baio. Maio o impulsionava para Alagoas, entre mágoas e vagas, nódoas e chagas.”. Sintam os leitores como, vez por outra, o poeta emana em cada frase buscando libertar-se do casulo do Cangaço! Afinal, gostei do livro e o recomendo à leitura de todos os pesquisadores e poetas, curiosos e historiadores. Assim, de parabéns está o competente autor e a literatura cangaceira que incorpora agora mais um profundo conhecedor dos seus ricos e tortuosos meandros, vez por outra navegando nas asas da poesia.

*Napoleão Tavares Neves*

# MAURÍCIO MENEZES DISSECA O LIVRO CANCÃO: OS ANJOS SÃO CRIANÇAS MUITO SOZINHAS

## CANCÃO: OS ANJOS SÃO CRIANÇAS MUITO SOZINHAS



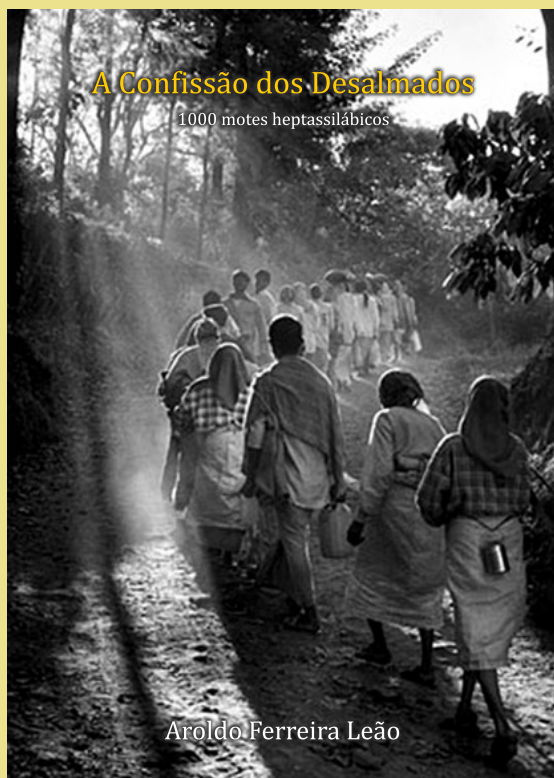
**Aroldo Ferreira Leão**

Aroldo Leão transborda energia. E como Cancão, exala poesia. Agora, centenário de nascimento do vate egípcio, brinda-nos Aroldo com apreciável obra sobre o mestre João Batista de Siqueira, Cancão, consolidando uma conexão metafísica que - desde imemorable data - une os dois poetas, visto possuírem almas repletas de ternura. Norteia Aroldo, em tudo que faz pela poesia – e faz muito – boníssima intenção. Quem o conhece sabe. Compostos poeticamente com aliterações, os textos do autor são recheados de rimas seguidas, alternadas e arrematadas, num galopar de frases sonoras, intimidades com as palavras e vasto vocabulário, na análise da obra idílica de Cancão. Na introdução, o autor sintetiza belas apreciações sobre o inimitável poeta da Virgem Maria, quando diz sobre ele: “...trabalhando na seara mal-assombrada dos desígnios humanos...” e: “...compreendê-lo é reascendê-lo em nós...”; e ainda: “...Cancão é o encontro da alma com as vastidões...”. Em seguida, analisa com profundidade os sonetos, realçando a forma predominantemente usada, com alguma variação nas construções. Os sonetos são realmente muito

marcantes em sua obra. Diz Aroldo: “...o espírito de Cancão enxergou espaços...”; “...dobra as esquinas das ruas que vão dar na imensidão...”; e “...um grito de ternura ecoando em nossas entranhas...” No capítulo sobre os cordéis, traz-nos a memorável peleja com Manoel (Filó) Menezes; exprime a religiosidade, outros temas abordados, e culmina com elogiosa apreciação sobre o folheto “Fantasma da Noite”, quando escreve ainda: “...farol pajeuzeiro iluminando os espíritos dos mortos e dos vivos...”

A magnitude da poesia de Cancão é de fácil encanto e difícil escala, mesmo além-túmulo, e tem defensores/divulgadores dignitários. Une-se esta bela obra a outras, como o meritório trabalho de Lindoaldo Campos, na compilação laboriosa dos três livros de Cancão, além de poemas não publicados, que, como disse Lindoaldo, foram garimpados “nas vigiadas gavetas de admiradores desconfiados”, e garimpando nos presenteou o livro Palavras ao Plenilúnio. As estrofes de Cancão estão imperecíveis no juízo dos frequentadores do então Bar de Edivaldo, em São José do Egito, onde ele se demorava, buscando anestésiar as dores incessantes da alma. Era atendido por Ida de Coraci, que guarda até hoje acervo considerável dos seus poemas, todos copiados à mão; foi emocionadamente declamado pelo inconfundível Zeto, acompanhado por dolentes acordes de violão; amigo de todos os vates, notórios e anônimos - seus conterrâneos. Poeta emotivo de alma serena, amante fremente da Virgem Maria. No seu dizer, amigo Aroldo, os anjos são crianças muito sozinhas. Quem sabe um dia eles se encontram em campos abundantes de fraternidade. Enquanto isso, lá, na silente mata do sítio Queimadas, nos robustos galhos de resistentes baraúnas e aroeiras, ou na frágil copa de arbustos e roseirais, as aves decantadas por Cancão entoam, contritas, um madrigal de saudade.

# AROLDO FERREIRA LEÃO APRESENTA A SUA *A CONFISSÃO DOS DESALMADOS*



O homem possui uma solidão complexa, um medo de recriar-se, de multiplicar-se na face das crianças. As horas trazem desencontros, mortes, intensas desagregações. Continuamos afastados uns dos outros, corroendo sonhos e ápices, dialogando com fantasmas e tédios, vivenciando uma era que rouba da alma seus mistérios, suas nuances. Há muita perturbação nas mentes, correrias para lugar nenhum, buzinas entrecortando a noite dos papangus e das casas abandonadas. Cada olhar está fadado a perder-se, a manter-se ilhado, preso a controvérsias e ansiedades. Existir é, antes, a ciência do abandono e da reinvenção, a união de nossos esquecimentos a nossas incoerências. Voam os guriatãs nos quintais

potiguares e a vida me redefine no silêncio dos cajueiros e das bananeiras, me impulsiona para voos surpreendentes, me redescobre faminto por essências, lumes, ressurreições. Em *A Confissão dos Desalmados* procuro garimpar silêncios, interrogações, sondagens. Os motes, em dois versos heptassilábicos, buscam achar-me, situar-me nos impasses, nas temeridades. A construção da obra foi visceral e carregada de ecos conflitantes, concepção abraçando ausências e temeridades. Investigo-me, persigo-me, insisto em ir além da superficialidade, mergulhar na seara de pressentimentos e turbulências que me formam, me moldam, me condicionam a explorar-me, a inundar-me de sutilezas e vastidões. O caminho é longo, a vida esfacela silêncios e receios, confunde a alma, acaba por nos tirar dos prumos, evidenciar nossa efemeridade, nosso destino de a deuses ininterruptos, abruptos. Os instantes hão de me revelar para mim mesmo, estabelecer em meu ser a profundidade dos fenômenos do mundo. As circunstâncias me orientam no caos, movimentam minhas células, sedimentam intentos e especulações, tornam a alma burilada por ecos vindos de muito longe, rondam enigmas e fascínios. A poesia é o grande mergulho em ti, a sensibilidade expandindo sabedoria e humildade, visão múltipla, cadência concebendo elevações, sonhos, larguezas.

*Aroldo Ferreira Leão*

# AROLDO FERREIRA LEÃO EXPÕE A DIMENSÃO DA CATALOGAÇÃO DA OBRA COMPLETA

A busca da criação de uma obra que me redescobrisse, me impulsionasse para novos patamares e abrangências em mim mesmo, me perpetuou no tempo e nas coisas, me inundou de silêncios, averiguações, texturas. Em cada livro uma percepção, um sonho, a vida contextualizando o peso dos mergulhos e das expansões, recriando rumos, redefinindo rastros, refazendo ritmos, ressurgindo nos átomos e nas moléculas, reafirmando suas expectativas, espaços, elos. Estive sempre ressuscitando, repartindo adeuses e convicções, colocando na minha alma conceitos, comoções, continuidades. Consegui suplantando dificuldades, plantar em meu ser verdades viscerais, voos vastos, visões vívidas, vasculhei horizontes, surgi entre o acaso e a necessidade de me reordenar, acenar para o inusitado, condensar nas horas essências e especulações. Ano a ano, desde 1995, quando publiquei meu primeiro trabalho, intitulado *A Trilogia da Dor*, que me uniu a superações e surpresas, venho sondando mistérios, mortes, minúcias, moendo enganos, eitos, exílios. Segundo a segundo, senti o quanto foi preciso de dedicação e empenho, de luz e fortalecimento interior, de suor e amor para realizar tarefa árdua, ampla, aguda. Naveguei por águas intranquilas, compreendi a necessidade de transpor grandes obstáculos e dar ao espírito a coesão das atitudes, o norteamento dos passos que nos agregam a ciclos e contundências, compromisso com a humildade, solidão. No ano de 2012, altamente produtivo, foram publicados *A Confissão dos Desalmados – 1000 motes heptassilábicos*; o ensaio crítico sobre a obra do poeta popular João Batista de Siqueira, intitulado *Cancão: Os Anjos São Crianças Muito Sozinhas*; o ensaio a respeito do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, intitulado *Lampião: Um Estudo de Buscas e Essências*; o conjunto de 1500 sonetos, em três livros, denominados *O Frágil Sorriso do Menino Sozinho*, *A Incerteza Reconstrói a Força do Silêncio*, *A Essência do Voo nas Almas mais Intensas*; Dois livros infantis chamados *A Inocência Compreende o Silêncio dos*

## A verdade aguda dos olhares profundos

Catálogo completa da obra do poeta Aroldo Ferreira Leão (1995 - 2012)

 LP-Books

*Passarinhos e A Humildade é Silenciosa, Múltipla*; o livro *A Verdade Aguda dos Olhares Profundos* trazendo a catalogação completa de minha obra, incluindo todos os livros publicados, em um total de 140, como também as antologias das quais participei, somando 25, entre elas a importante *Flora das Caatingas do Rio São Francisco*, onde participo com o ensaio sobre os índios cariris, denominado *A Alma do Rio São Francisco: Cariris – A Solidão e os Espaços do Sertão*. Também tenho realizado pesquisas com a Literatura de Cordel, Cantadores, a Guerra de Pau-de-Colher, Navegação no Rio São Francisco, Canudos, entre outras. No devido tempo, estarei publicando obras com os referidos temas. A alma é o êxtase, o medo, a sensação decodificando nuances, o teor transfigurando as faces das crianças e dos velhos, o silêncio profundo, o caminho a percorrer nos horizontes do ser, verdade maior, sonho redefinindo perspectivas e especulações.

Aroldo Ferreira Leão



# 1.500 SONETOS: EXPANSÃO E PROFUNDIDADE

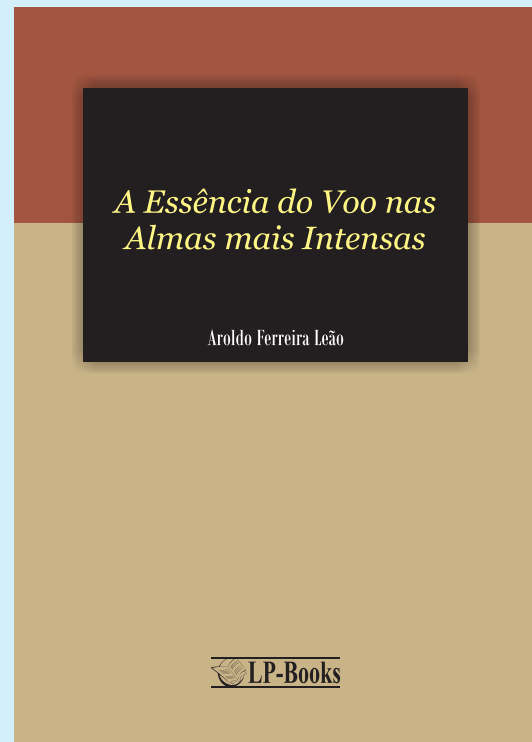
## IMPASSES

Somos sozinhos, inseguros,  
A vida inteira. Percorremos  
Veredas, mas não penetramos  
Na essência de seus ecos e

Aromas, rastros e segredos.  
Continuamos exilados  
Em nós, vazios, dominados  
Por sensações enviesadas.

O tempo nos sonda, retrai  
Presentimentos, comunhões,  
Nos torna secos, seres mortos.

Os sanhaços voam nas ruas  
De Petrolina, o universo é esse  
Medo de tudo, teus impasses.



## POETAS

Poetas são seres sozinhos,  
Meninos de grandes tensões  
Em si. Têm lumes, desajustes  
Na alma, indivíduos recriando

O tempo, olhando a vida entregues  
A percepções profundas, veios  
Conduzindo ocos, vícios, ápices.  
Vêm dos abismos, das distâncias

Que não podemos alcançar,  
Canção gerando reflexão,  
Silêncio, lastros, confissões.

Neles o mundo reafirma  
Sentenças, sopros, conduz o homem  
Para si mesmo, fera ingênua.

## DESGOSTO

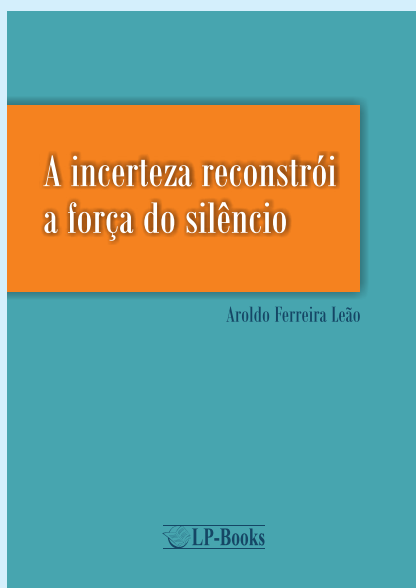
O rosto, em desgosto, se esfacela  
Na tela de enigmas da alma, vela,  
Sua própria morte, escutando a  
Canção silenciosa da noite

A envolvê-lo e a misturá-lo às dores  
Da vida. Flutua na paisagem  
Triste que o desmorona e o aciona  
Para a real compreensão de

Si mesmo, complexa criação  
De um personagem mascarado e  
Solitário buscando vencer

Suas mazelas a todo instante.  
A pele é apenas um traço do  
Segredo a nos perpetuar no ermo.

# 1.500 SONETOS: RENASCIMENTO E TRANSCENDÊNCIA



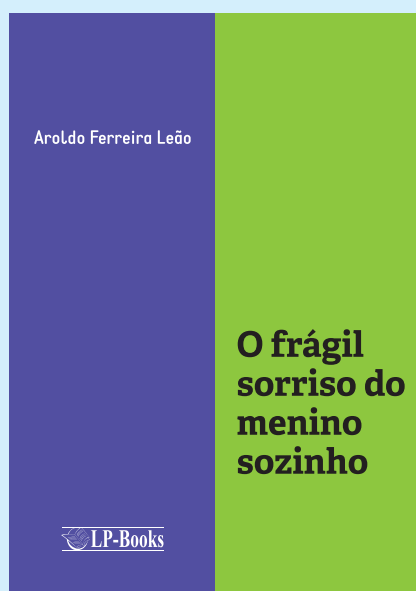
## MORTES

Se faz necessário muitas mortes  
Para se formar um poeta. O  
Dia, visto da janela, em seu  
Próprio silêncio adormece. As

Coisas muito mais separam do  
Que unem nossas almas corroídas  
Por angústias ancestrais, recriam,  
Na substância do tempo, a dinâmica

Parada do nada. Aterrador  
É seguirmos continuamente  
Ruins, sujeitos às tempestades

Dos agouros do mundo. Ao léu,  
Observamos a reconstrução  
Das mágoas que cada um traz em si.



## MÁGOA

Ó mágoa funda  
Do mundo, ó isso e  
Aquilo, negra  
Cor dos meus passos

Sobre o chão ermo  
Das controvérsias.  
Ó isolamento  
Gratuito, chaga

Aberta para  
Nunca mais ser  
Fechada, calo

Doendo, se  
Expandindo  
E me matando.

## CLAREZA

Maior clareza  
Possui quem se  
Investiga e  
Sabe, com toda

Serenidade,  
Que o mundo nos  
Devora com  
Seus assobios

Indefinidos,  
Nos perturbando,  
Nos estragando

Velozmente. O  
Homem é um ser  
Espezinhado.



# LIVROS SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO: CONTINUIDADE E SUTILEZAS

## ALMA

SÃO FRANCISCO: HÚMUS, SUMOS



AROLDO FERREIRA LEÃO

Alma de rio, alma só.  
Venho dos impasses, das recriações,  
Criança de olhar desconfiado,  
Comoção agregando delírios e desafios,  
Fluindo dentro do caos.

Alma de pássaro, alma vã.  
Ruo com meus enigmas e cortes,  
Carrego-me de veios e desalinhos,  
Sou os impactos do tempo na mente aturdida,  
A vontade que trouxe imprecisões, sentimentos, lumes.

Alma de mantrinxã, alma simples.  
Sigo redescobrimdo nuances, transformando os instantes,  
Buscando a mim mesmo continuamente,  
Alargando os espaços das sensações,  
Fortalecendo os ecos dos mulungus e sapos cururus.

UM VELHO RIO DENTRO DE MIM



AROLDO FERREIRA LEÃO

## SILÊNCIO FUNDO

Maris e angaris da beira do Rio,  
Verdades maiores que a solidão das galáxias,  
Silêncio fundo, poesia intensa,  
Canção abraçando o universo da minha inocência,  
Extensão telúrica de meus medos e vastidões,  
Percepção trazendo luminosidades, coerência, confissões.

Quando estamos em nós mesmos  
A vida se multiplica, avança em nossas células,  
Recria ascensões, aprofunda os sentidos,  
Torna a alma mais complexa do que já é,  
Nos transforma nas pétalas amarelas das flores das caraibeiras,  
Nos sonda, nos une aos vazios e veredas do mundo.

RIOS, ECOS MAIORES EM NÓS



AROLDO FERREIRA LEÃO

# POEMAS SELECIONADOS DO LIVRO



A ALMA É FEITA DE RECRIAÇÕES

AROLDO FERREIRA LEÃO

## A EXISTÊNCIA

Essa dor de existir, esse assombro dentro de mim.  
Venho da alma das coisas que se perderam em si muito antes de  
[existirem,  
Do desejo de transpor limites, da impaciência terna e confusa.  
Os dias trazem tensões e incoerência, nos dissimulam,  
Nos transformam em fantasmas de nós mesmos, dispersos, cheios de  
[ideias e agouros.  
A criança no colo da mãe revela um amor que a própria mãe não  
[possui,  
Mostra o quanto estamos distantes da verdade e do silêncio.  
A quantidade de perturbados do mundo é imensa, densa constatação  
[que nos traz

De volta aos espaços de onde nunca partimos.  
E a vida segue, distribui o homem nos seus atropelos e ganâncias,  
O detém, o machuca, o usurpa.  
Os segredos nos tornam assombrados, meticulosamente ruins, arruinados.  
As visões nos cegam, nos regam com a divergência das horas, nos agregam  
A comoções surpreendentes. Vivemos para o esquecimento, há escombros demais em nós.  
Dia após dia, o universo nos acelera, nos encaminha para os cemitérios, cheios de vontades  
Que não se definem, alheios a intensidades e vocações.  
Difícil é ouvir-se, é penetrar em si muito antes das fatalidades e dos engodos,  
É perpetuar na alma uma delicadeza densa, um sentido maior para a vida.  
Ó dias que não me têm, ó vontade de estar em tudo, de esquecer-me.  
Ó visões profundas, ó ais invadindo a aura de minha alma combalida e esquisita.  
Ó tantas coisas que não sei, ó aperreio intrigante e estafante.  
Não me vejo em mim, procuro-me.  
Os loucos sabem o quanto estão distantes de si, investigam-se muito, conhecem os lutos dos homens,  
Viajam na epopéia de desejos da humanidade, tasteiam nos escuros de todos nós.  
São navegadores antigos, trazem na alma uma bondade descomunal.  
Um apelo, um elo, um zelo pelo mundo os torna sozinhos demais,  
Divididos por lutas contínuas, abrangentes seres irrealis.  
Sigamos sem nos ter, compreendamos nossos vícios e rebuliços,  
Invadamos o espírito com a essência dos velhos que olham para o universo  
Tentando recompô-lo a todo momento.  
Sejamos prudentes, coerentes seres incoerentes, doentes meninos  
Atados a sons esquisitos e infinitos.  
Compassos e descompassos acabam por nos reconstruírem, nos remontam continuamente,  
Nos moldam silenciosamente.  
O mundo gira, rodopia na solidão das galáxias e não nos revela nada,  
Nos amedronta, nos retrata no distanciamento.  
Um ser só nasce quando se descobre interiormente,  
Quando alimenta em si um amor maior do que a eternidade,  
Comoção singular tornando as coisas profundas e cíclicas,  
Leves como uma formiga voando num sopro dos lábios de uma criança.

# A ALMA É FEITA DE RECRIAÇÕES

## O IMPASSE

Busca te reinventar, te reconstruir. Verás que é tarefa das mais ingratas.  
Precisarás de tempo, de muitas vidas, da força do acaso sobre tuas células e teu raciocínio.  
Viverás à sombra de teus fantasmas, tenderás a ser sozinho,  
Criança apegada a silêncios e a contemplanções sutis.  
Estarás em tudo, penetrarás na essência das coisas esquecidas, na visão das almas  
Que estão em si muito antes de nascerem para esta vida, que as consome e as empurra  
Para abismos e avalanches, com a velocidade dos vãos dos passarinhos desprotegidos.  
Conhecerás a dor de seres quem és, a poesia das criaturas que se multiplicam tentando  
Se acharem, se interpretarem, se notarem melhores a todo instante.  
Flutuarás no espaço de tuas interrogações, amanhecerás no esquecimento,  
Nas indagações que te cercam de vícios e ócios, calafrios e precipícios.  
Tenderás a interpretar-te mais, a vasculhar-te.  
Terás premonições, uma reunião de comoções divagantes,  
Uma comunhão de pretensões cambaleantes.  
Serás tu, nu, cru, puro como as mãos dos anciãos nos vãos  
Das escadas escorregadias, frias, cheias dos degraus que conduzem o mundo para a morte  
E para o desassossego.  
Ó meu amanhã sem amanhã, ó minhas interpretações, meu silêncio interior.  
Ó essa dor funda, esse apego à vida, essa vontade de multiplicar-me em mim mesmo.  
Anoitece em mim, é preciso paciência.  
O futuro chega sem delicadeza, apressado, enviesado,  
Cheio de possibilidades e temeridades.  
Como vivermos sem ferirmos nem aniquilarmos ninguém?!  
Como nos reinterpretarmos profundamente?!  
Tudo custa a acontecer, o passado também é o agora,  
Ninguém pode deixar de ser o que é, ou aquilo que nem ele mesmo sabe o que é.  
Corro, paro. Paro, corro. Socorro, meu Deus, sinto-me sozinho demais.  
Há vendavais inexplicáveis, lógicas repletas de tensões e apegos.  
Nos túmulos o orvalho também constrói sua esperança e delicadeza,  
Impulsiona o homem para descobertas e espiritualidades que desconhece.  
Morrer é seguir vivendo em si, é saber que as angústias continuarão.  
Cada minuto revela que somos mentirosos e covardes,  
Afeitos a impasses e esquecimentos, eleitos para maltratarmos e incendiarmos  
O resto de consolo que o próprio desconsolo gerou.  
Viver desestrutura e impaciente, sedimenta a alma na lamacenta percepção avarenta  
De sua própria individualidade, desconcentra os instintos,  
Centra o homem no seu umbigo, fixa-o onde não se sabe, asfixia-o no silêncio  
De suas mortes e descontrações, pole-o ao léu.



# DIÓGENES DA CUNHA LIMA EXPANDE O CONCEITO DE A MEMÓRIA DAS NOITES

*A Memória das Noites* é livro denso, tenso. É livro que fere e repousa no inconsciente. É, ao mesmo tempo, busca e maturidade.

Aroldo Ferreira Leão, forjado no sertão, dele ganhou força e caráter. Sertão é palavra mágica no dizer de Luís da Câmara Cascudo. Constrói, como sertanejo, o despojamento dos seus sonetos, quartetos e tercetos, como se fossem lavrados em pau-ferro. Vale-se de sua intuição direta. Assim, confessa seu apego à poesia, onde vive e com ela convive para se achar.

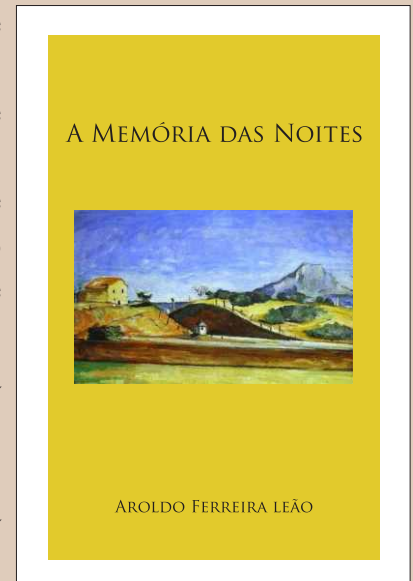
Emociona a sua poesia filosófica, lembrando, às vezes, a teosofia de Fernando Pessoa. Veja-se a triste e fatal lucidez e originalidade: “Os mortos nos desenterram / no dia dos seus velórios...”. O poeta faz-nos sentir que são os mortos que nos transmitem, que nos dão a consciência da vida.

Aqui estão presentes, ao mesmo tempo, a experiência e a colheita, o desejo de rigor inatingível, o desconsolo humano, as antíteses viscerais, as conotações metafísicas.

O poeta teósofo descobre que somos faróis que não podemos a nós mesmos iluminar. *As moscas* é um terrível poema.

Nunca imaginei que esses impertinentes insetos merecessem sonetos, nem que tivéssemos uma forma semelhante de vida e destino comum.

As noites, concluímos, têm negras memórias cortadas por clarões de relâmpagos.



---

## AS MOSCAS

As moscas, rodeando o teu almoço,  
Também são feitas de mistério e  
Solidão. Nascem, crescem, cumprem seu  
Papel de insana agregação ao lixo

E à podridão das coisas. Depois, morrem  
Como todos nós. Apodrecem e  
Ressurgem na atmosfera de seus  
Voos, geométricos e alucinados,

Buscando ser o que são: seres frágeis,  
Desossados, prontos para viverem  
A sina de insetos alheios a

Nossas concepções de delicadeza  
E suavidade do mundo. Seguimos  
Sujos, faróis que a si não iluminam.

# EM OS FANTASMAS DO JARDINEIRO AROLDO, RAYMUNDO PEREIRA EXPÕE MAIS UMA OBRA DO AUTOR

«No início era o jardineiro. E o jardineiro criou as rosas. E tendo criado as rosas, criou a chácara e o jardim, com todas as coisas que nele vivem, para a glória e contemplação das rosas».

(Machado de Assis, em Relíquias da Casa Velha)

Se pelo dedo se conhece o gigante, como afirmavam os romanos, não é menos certo que pela boa escolha do título de alguma obra literária, seja ela em poesia ou prosa, - distinção nem sempre fácil de fazer, - já se pode começar a avaliação do quilate e fôlego artístico do seu autor. Sob o prisma desse entendimento, o leitor já se sente predisposto à leitura do opúsculo «Só os fantasmas nos entendem», da lavra de Aroldo Ferreira Leão. Aroldo, como aos poucos se descobre, é personagem polifacetado. Servidor público e professor, homem de cultura e sensibilidade apurada, como seu texto revela, dedica-se com propriedade à poesia. De forma surpreendente, isto faz dele também um jardineiro, como adiante revelado. A constatação nos leva a uma pergunta sempre repetida. Afinal, o que é poesia? Parece apropriado começar o exercício dizendo o que ela não é. Com certeza não se constrói poesia com a mera arrumação, bem metrificada ou não, da margem direita do texto. Isto pode ser apenas exercício de geometria e aritmética. Ela também não se faz com arroubos de pieguice, acrobacias de palavras sonoras ou audaciosas proclamações de sensualidade, geralmente servindo só para proclamar a abrasada intimidade do autor, ou

autora. A poesia é ato mágico de criação, não sendo à-toa que a palavra nasce, quase sem retoque, do grego *poiesis*, significando justamente o ato de criar. Mas além de criar, precisa o autor-criador, sob pena de perder-se na esterilidade dos hermetismos, também saber comunicar, ou seja, transmitir aquela mensagem especial nascida de sua alma, de sua sensibilidade. Nessa capacidade de comunicar sua mensagem, é que seguramente reside o segredo maior do artista, tenha ele como matéria prima, a pedra, tela e tintas ou palavras, nestas estando o meio mais eficaz para transmitir emoção, no caso da poesia valendo

especialmente lembrada a sutil definição de Woodsworth, que nela via «a emoção revivida em tranqüilidade». Aroldo Ferreira Leão consegue atender bem esses dois requisitos na construção de sua obra poética. Os fantasmas de que ele fala no provocante título de seu trabalho não são aquelas criaturas apavorantes que podem às vezes infestar nossos pesadelos gemendo o canto dolorido de suas mágoas. Muito mais que isso, são aqueles outros, criados por nós mesmos no tecido de erros e desacertos incorridos no curso de

nossas vidas, como bem observou Goethe. Somente nossos fantasmas nos entendem, na medida em que nos dão o entendimento de nós mesmos, que os geramos. A clara percepção dessa verdade tão pura, bem mostra que o poeta Aroldo Ferreira Leão é aquele cuidadoso jardineiro de ideias, sentimentos e perplexidades, de que falava Machado de Assis em «Relíquias da Casa Velha», como lembrado ao início destas linhas. Tem muito ainda a oferecer em sua lavra de sentimentos, que decerto será e enriquecedoras dos seus leitores.

Raymundo Pereira



# O UNIVERSO DE LAMPIÃO E SEU CANGAÇO GANHA PESQUISA PRECIOSA EM NOVO LIVRO DE AROLDO FERREIRA LEÃO

Romance, ensaio, poesia, cordel, música, crônica, novela, seriados de TV, estudos acadêmicos. Sem dúvida, todos os gêneros literários indo até as notas da música popular, já pincelaram sobre a trajetória de Virgulino Ferreira da Silva, que conhecemos como Lampião. O homem desgarrado e determinado que comandou o cangaço. A figura que durante mais de uma década, em torno de 21 anos de idade, deu a largada a sua trupe e viajou com seu bando de cangaceiros - que, algumas vezes, ultrapassou o número de 50 homens, todos a pé ou a cavalo e em trajes de couro, chapéus, sandálias, casacos, cintos de munição e calças para protegê-los dos arbustos com espinhos típicos da vegetação da caatinga.

Figura aguerrida, Lampião - nascido na cidade de Vila Bela, atual Serra Talhada, no semi-árido de Pernambuco, foi o terceiro filho de José Ferreira da Silva e Maria Lopes de Oliveira. Em muitos estudos, foi apontado por historiadores como o cabeça do temido grupo que assombrava sertanejos ao atacar pequenas fazendas e cidades em sete estados, além de agir por meio de roubo de gado, sequestros, assassinatos, torturas, mutilações, estupro e saques. Entretanto para muitas pessoas, especialmente no Nordeste, tem-se a imagem de que Lampião era como o Robin Hood do sertão brasileiro, que procurava ajudar os pobres miseráveis, que passavam fome e lutavam para sustentar famílias com inúmeros filhos. É fato que o capítulo da história de Lampião jamais será página virada e sempre estará rondando nossa história com novas observações, fruto de pesquisas infundáveis sobre o cangaço. O escritor e professor potiguar, radicado em Petrolina (PE), Aroldo Ferreira Leão, lança novo olhar a respeito desse personagem imbatível, ao se debruçar sobre, incríveis, 700 páginas que rendeu o livro *Lampião: Um estudo de buscas e essências* (Edições Bagaço) que será lançado no mês de março na região Petrolina/Juazeiro. Com pesquisa esmiuçada, dados precisos, relações de tempo e lugar e, claro, com muita poesia que é sua praia desde sempre, Aroldo Ferreira, consegue fazer um retrato abrangente sobre todas as fases do cangaço. Apaixonado pelo sertão, ele costura versos que desabrocham como forma de destravar o enigma em torno do personagem central. “Lampião é o Sertão, a solidão dos rostos que se

perderam na noite escura, degredo reordenando as rupturas e as texturas dos impasses, sentença perturbando os adeuses dos inocentes, comoção corroendo os ciclos, as culpas”, aponta o autor. *O estudo de buscas e essências* em torno de Virgulino se fortalece com notas e referências em todos os capítulos, principalmente nos primeiros capítulos que abordam o cangaço: *Elos e espaços* e *Lampião: Fenômeno, astúcia e especulação*. No terceiro capítulo, o autor mergulha no ano de 1922, quando o cangaço repercutia no Nordeste, invadindo os espaços do Sertão. “Suas intimidações e incursões estranhavam-se na mente abalada do povo, emaranhavam-se num conluio de intrigas e entraves,

tropeços e travessuras, transposição desmantelando a aura de humildade do sertanejo”, escreve Aroldo. Na sequência dos capítulos, o escritor traduz com novas fontes de pesquisas o passo a passo de Lampião, sua eterna Maria Bonita e os comparsas, escalando o presente em cada temporada e as perspectivas de futuro do cangaço. Sem perder o foco nas ações coletivas nas repercussões, nas respostas e consequências de cada atitude coletiva do bando. No último capítulo que cerca o ano de 1938, *O Abandono abraça os desenganos*, o livro lembra as mortes anunciadas e o fim e o fosso do cangaço. O estudo profundo de Aroldo sobre a figura de Lampião traz um imensurável papel de um

pesquisador que se mostra envolvido pelo assunto. Professor apaixonado por matemática, sua disciplina base nas sala de aulas da Univasf, Aroldo parece calcular perfeitamente lugar e tempo no plano da trajetória de Lampião. O leitor vai se sentir enriquecido a cada capítulo ao se deparar ainda com mais de cem páginas dedicadas a iconografia com fotos, imagens de cartazes, capas de cordéis e recortes de jornais, além de saber sobre o ambiente geral de pesquisa e perfis dos entrevistados. *Lampião: um estudo de buscas e essências*, é mais que um livro que parece lapidar um pouco de cada gênero literário existente. É uma inesgotável fonte de pesquisa. Um mapeamento atualíssimo que o autor se vestiu e revestiu de jornalista, que não mede esforços e sai em busca de trazer ao ponto, uma história que daqui a mais de cinquenta, cem, duzentos anos, jamais será apagada da memória do Brasil.

Emanuel Andrade



O Sertão multiplica os enredos, expande segredos e contextos, fundamenta o conto das ocultas e das covinhas-mão-de-lua, alarga sensações e reconstrói ramos, traí hímus e ares para a alma, recita canções, reafirma a eternidade no zumbido das abelhas manducaia, redefine os instantes nos passos do seu solo enigmático, acolhedor de icós e morarís, voz vindo do fundo de nossos espíritos impulsionando o homem para as grandes descobertas de si. *Lampião é o Sertão*, a solidão dos rostos que se perderam na noite escura, degredo reordenando as rupturas e as texturas dos impasses, sentença perturbando os adeuses dos inocentes, comoção corroendo os ciclos, as culpas.

Aroldo Ferreira Leão

[www.aroldoferreiraleao.com.br](http://www.aroldoferreiraleao.com.br)



# INÉDITO: UM TEXTO DO LIVRO *CRÔNICAS E REINVENÇÕES*

## CRÔNICAS E REINVENÇÕES



**AROLDO FERREIRA LEÃO**

### CANÇÃO DESALMADA

Tudo em nós é desassossego e descontraidade, o elo das mortes que nos levarão para o futuro, a força das coisas que nos habitam e nos grudam à solidão das crianças desamparadas, tímidas demais para dialogarem com seus próprios fantasmas. Vivo sem saber de mim, passarinho de canto aflito, voz que não chega onde deveria chegar. Por que somos insossos e vazios, o que nos torna perversos e à deriva, veleiros levando os naufragos de todas as eras?! O amor nos abandonou ou atçou ainda mais nossa fragilidade, nos ilhou ou comungou de nossos fracassos e ressurreições?! Voo, destoo do mundo, sigo fundo numa busca pelo rebo dos corações abandonados. Pesa-me a vida, suas engrenagens e desencontros, seus distúrbios e acelerações. Cansa-me a luta contra a insensibilidade e a falta de raciocínio, o desnorreamento do homem em todos os sentidos. Continuo abrindo veredas dentro do caos,

oferecendo flores à besta-fera, acreditando visceralmente na poesia, abrindo portas na imensidão, sondando minha alma incessantemente, fuçando as pantominas do meu ser, me recriando, me antenando nas ingresias. Sigo pelas ruas e há sempre uma face a me perturbar, a me revelar o quanto de distancia há nas criaturas. Assusta-me o desengano, a deterioração da alma, a lama na sola dos sapatos dos espantalhos. Quanto maior o mergulho mais perto de nós mesmos chegaremos, mais renasceremos e compreenderemos a ciência dos segredos e dos degredos, a essência dos veios e dos enleios, a cadência das rugas e das fugas. No entanto, a impaciência nos domina, mina nossas esperanças, trafega, às cegas, dentro de nossas tripas e ossos. Projeto-me no tempo, arquiteto-me por dentro, inquieto-me constantemente. Há muito o que aprender, as horas avançam aceleradas, dadas a nos estragarem e nos usurparem, viagem feita de assombros e interrogações. O amanhã é esse enterro passando na tua frente, cheio de mortos e evanescências, levando ao túmulo nossa ignorância e atropelos, nosso desconhecimento das coisas, a expansão da vida dos vermes. Multiplico-me, materializo-me nas ânsias, rondo-me, busco-me sem tréguas. São muitas as recriações do coração sozinho, viver requer intuições e comoções, um abraço no silêncio das faces atormentadas, uma modelagem interior profunda. Estou no medo e na ternura do homem que não se cansa de se investigar, de palmilhar em si os veios que o levarão para a eternidade. Sigo por rumos distantes, mas vivo perto de mim. Não tenho escolha, a folha que cai aos meus pés traz o silêncio e a paz das árvores do mundo, me reinterpreta, me completa, seta indicando a estrada alada que só os espíritos que possuem uma grande solidão em si conseguem percorrer. O que falta nas almas é amor, uma vontade de conviver com o infinito, um elo que as una aos seus próprios desencontros e vícios.

*Aroldo Ferreira Leão*

# INÉDITO: INTRODUÇÃO DO LIVRO DE PESQUISA *LITERATURA DE CORDEL: UMA VISÃO ALÉM*

Abrangente e insurgente, torrente de enigmas e encantos, expandindo enleios, espaços, estigmas, estros elevados, levados em conta pelo ser que pretende mergulhar na alma do povo brasileiro, esteio de veios e gorjeios plurais, a Literatura de Cordel nos destrincha, trincha ecos envolventes, silentes conotações impulsionando o homem a conhecer-se, a melhorar-se, a vivenciar-se mais, a notar-se parte de contextos e pretextos que o tornam quem é, fé a reinterpretar-se constantemente. Nas páginas dos folhetos, quanta vida, elos a nos nortearem na real dimensão de nossos sobrossos e fossos, visões e revisões das histórias e estórias que nos recriaram no tempo, nos trouxeram a síntese de certas verdades moldadas para nos enlevarem, elevarem o ser a patamares de grande simplicidade, sensibilidade, delicadeza. Na destreza do cordelista, na textura de suas sextilhas, septilhas, oitavas, décimas, um manancial de revelações nos integra a nós mesmos, nos pluraliza, desliza em nossas percepções trazendo abrangências, ciências sobrenaturais. Sua origem e expansão são elos e romances carregados de nós e vozes ancestrais, cais de onde partiram as almas dos colonizadores e

conquistadores de nossas plagas, largas e cíclicas conotações construindo os pilares deste movimento de ideias e sentimentos, pluralidades e reinvenções, sentidos e especulações transformando o Brasil para melhor, formando nas consciências um mergulho profundo nas raízes das culturas ibéricas, europeias, arábicas, nórdicas. O cordel amplia conceitos, investiga nuances, sentencia que precisamos dar mais atenção a seus ecos e sinuosidades, possibilidades nos fundindo a era medieval e contemporânea, nos revelando substâncias e esperanças de que possamos dar ao país a magnitude de todo o seu potencial e abrangência. Sejamos, então, viscerais. Mergulhemos em nós e colhemos vastidões, voos, volumes de virtudes, vincos, vales, veredas. Vêm as horas e

necessitamos nos redescobrir, abrir o ser para a eternidade, pôr claridade nos olhares das crianças e dos loucos, avançarmos, alcançarmos os píncaros, realçarmos as faces e as frases de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataíde, Francisco das Chagas Batista, Zé Vicente, José Pacheco. Trazendo em sua essência enfoques os mais variados, tecendo na sensibilidade confissões fundas, reunião de intentos e elementos complexos, fusão magnífica de mistérios e irradiações sagradas, a Literatura de Cordel pede

leituras futuras, sem desmesuras ou urdiduras de preconceitos e premonições pré-anunciadoras de engodos e falácias, que não levam a lugar nenhum, anem no caos, sobrevoando os enganos e aturdimientos de cada um de nós, seres trilhando caminhos escuros, apegados a frivolidades e frenesim fartos de fragilidades, fissuras, freges. Focos norteiam o mundo dos cordelistas, há em suas criações o teor sagrado de filtrar os fatos, de se infiltrar nos compassos dos ditos que nos chegam revelando a sutileza de assuntos muitos, circuitos da teia mental de quem busca, continuamente, compreender nossos elos, ritmos, sonhos, sentenças, percepções, enredos, sons,

segredos, surpresas, ápices, quedas, embolos e desconsoles, alegrias e nostalgias, versificações surpreendentes sobre tudo, somando sumos, sedimentos, cerzimentos, elementos tradutores da forma de pensar de um povo, do mistério ancestral a rondar a pátria de Luís da Câmara Cascudo, Luís Wilson, Luiz Tavares Júnior. Os títulos dos cordéis revelam conotações intrigantes, atualizações acesas, ledas observações agregando aos instantes um périplo de verdades múltiplas, únicas, lúdicas concepções redefinindo rastros, lapsos, passos no território amplo das indefinições e intempéries do mundo que nos cerca. Obras como *Biomias Brasileiros*, *O Grande Poder das Plantas*, *Aquecimento Global Está Mudando o Meu Nordeste*, *Rio Jaguaribe: A Súplica*, *As Aventuras*

## LITERATURA DE CORDEL: UMA VISÃO ALÉM



AROLDO FERREIRA LEÃO

# INÉDITO: INTRODUÇÃO DO LIVRO DE PESQUISA *LITERATURA DE CORDEL: UMA VISÃO ALÉM*

do *Guerrilheiro Che Guevara*, *Medicina Alternativa*, *O Manifesto Comunista*, *A Incrível História de Emiliano Zapata e a Revolução Mexicana*, *Chico Mendes: O Defensor da Floresta*, *Luiz Carlos Prestes: O Cavaleiro da Esperança*, *Zico da Conceição: O Poeta Suicida*, *Bumba Meu Boi: A Maior Festa do Maranhão*, *Aquecimento Global: O Fim do Planeta Terra*, *O Frevo: Sua História Passo a Passo*, *O Beabá da Cachaça*, *A Chegada do Velho Chico ao Sertão: Transposição do Rio São Francisco*, *Novos Gritos no Sertão – Fora Usina Nuclear*, *Bullying: Parem com Isso Agora*<sup>xx</sup>, evidenciam a dinâmica e a precisão do movimento das notícias, do conhecimento, da aprendizagem, do fascínio por quaisquer temas que tragam aos leitores sabedoria, solidez de sentidos e sensações. Os temas são inúmeros e nos distribuem em uma fatura de constatações, conotações, anotações a respeito das possibilidades de nos envolvermos com tamanha associação de texturas e testemunhos. E o que dizer das histórias de cangaceiros, da santidade do padre Cícero e frei Damião, das grandes peijas entre cantadores, criadas e recriadas sob o efeito de décimas, na maioria das vezes, decassilábicas, uma preciosidade que precisa ser devidamente explorada, delimitada em nossas almas?! Lampião e Antônio Silvino tiveram e, ainda hoje, têm seus feitos e façanhas sendo comentados, atados a especulações, retratados em versos que consolidam suas sanhas, cargas de largas comoções. Outros cangaceiros também mereceram destaque: Corisco, Meia-Noite, Labareda, Zé Baiano, Ponto Fino, Azulão, Sabino, Jararaca, Bom de Veras, Sinhô Pereira. Em cada relato, o fato nato, o ato redimensionando lutas e lastros, levando o leitor a entender as situações, as atuações dos famosos bandoleiros. A Literatura de Cordel constrói pontes entre as singularidades, emerge reorientando o espírito a vasculhar-se, a situar-se no seio das efusões e fusões de si mesmo, naufrago menino buscando-se, inundando-se de realidades obscuras, de possibilidades inseguras. O cordelista sempre esteve e estará agregado à oralidade do povo, à percepção ímpar de seus reboos, ressurgimentos, reordenações. Lapidando-se, doando-se a cada texto, versificando através de uma sensibilidade definidora de teares e ares mágicos, reagrupa-se, reafirma-se nos momentos, recondiciona-se a explorar vivências, vozes, vertentes. Nos batentes e apendres das velhas casas do Sertão, muitos textos

ganham sabor, simetria, sonoridade singular, saltaram no espírito das pessoas revigorando-as, alicerçando-as em seus universos, condicionando-as a compreenderem o mundo com sutileza, modificando-as, fincando-as no solo de suas percepções e pressentimentos. Como algo tão sutil, suculento, substancioso, pode ser relegado por uma nação, tratado com desdém, desassociado de fontes, mestres, funduras?! Para que o cordel renasça, faça valer seus ditames, ditados, dilatados sentidos exponenciais, é preciso que floresçamos em nós, estejamos antenados com as circunstâncias e cumplicidades de um canto, de projeções ancestrais e abissais, sobre nossas vidas estabelecidas na indiferença com que vivenciamos certas pluralidades, lumes, sustanças. Não buscamos nos perpetuar nas essências, as contingências nos tornam sombrios, frios seres de afazeres corridos, carentes criaturas construtoras de culpas e cortes, carregando nas células conflitos, comoções canhestras, crises confusas, conceitos capengas. O cordel cria climas e clichês múltiplos, concentra, nos diversos campos de suas contextualizações, comunhões com o encantado, brado fundamentado no alado tom de seus discursos, desafios, deixas, divagações, dotes. Há muito a se esclarecer, caminhos a percorrer, confluências a nos impulsionar para observações mais agudas a respeito de fenômeno intrigante, instigante, gigante comunicação prevalecendo nas transformações e deliberações do tempo, moendo minúcias, mistérios, mitos. Movimento de intentos e sedimentos sendo propagado nas eras, telas e teias nos unindo às cores e aos sabores de nossa cultura magnífica, dignifica a pátria, pontifica redescobertas inesgotáveis de um cancionário cada vez mais valioso, volume de vozes varrendo visões e vultos, vivificando os adeuses dos antepassados, nos pondo de encontro aos sopros de ventos antigos, artigo nos compondo e decompondo sistematicamente, ampliando horizontes, amplificando esses sons que nos assentam em nós mesmos, conciliando conflitos, contundências, comunicabilidades. Consegue nos motivar, ativar o espírito das gentes para abrangentes correntes de ideias distintas, crivar nos instantes seus aspectos e profundidades, larguezas e completudes, alaúdes tocando no infinito.

*Aroldo Ferreira Leão*



# LIVROS SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO: CURVAS, CICLOS, COMOÇÕES

## OLHARES

Em todos os rios a solidão dos olhares,  
A verdade das comunhões com a eternidade,  
O tempo fluindo entre elos e esperanças.

Somos os vieses, a ingratidão, o descaminho,  
A sondagem esfacelando os instintos,  
O tempo desmembrando as atitudes.

Seguimos cheios de conflitos e incoerências,  
Trazendo na alma a força das incertezas,  
O peso dos ecos agudos de nossos fantasmas.

Amanhã seremos tragados por desgostos, desmandos,  
Desequilibrando o teor das essências,  
Desgovernando os ímpetos, as ressurreições.

## DESCAMPADOS

Os rios te trazem para ti,  
Te conhecem, expandem teus sonhos,  
Te multiplicam no silêncio das ingazeiras.

És uma criança dividida, diluída nos conflitos,  
Agregando em si sonoridades, sentenças,  
União de veios e vontades, voz nos descampados.

Vens das contradições, dos diálogos travados,  
Das distâncias dentro dos vazios,  
Dos impactos diante do caos em nossas células.

Vives tuas renúncias, prossegues taciturno,  
Soturno ser somando segredos e sentimentos,  
Sorvendo os elos das razões nas rupturas.

A EXTENSÃO DAS ÁGUAS NAS ALMAS



AROLDO FERREIRA LEÃO

OS ARES PROFUNDOS DO ESPÍRITO



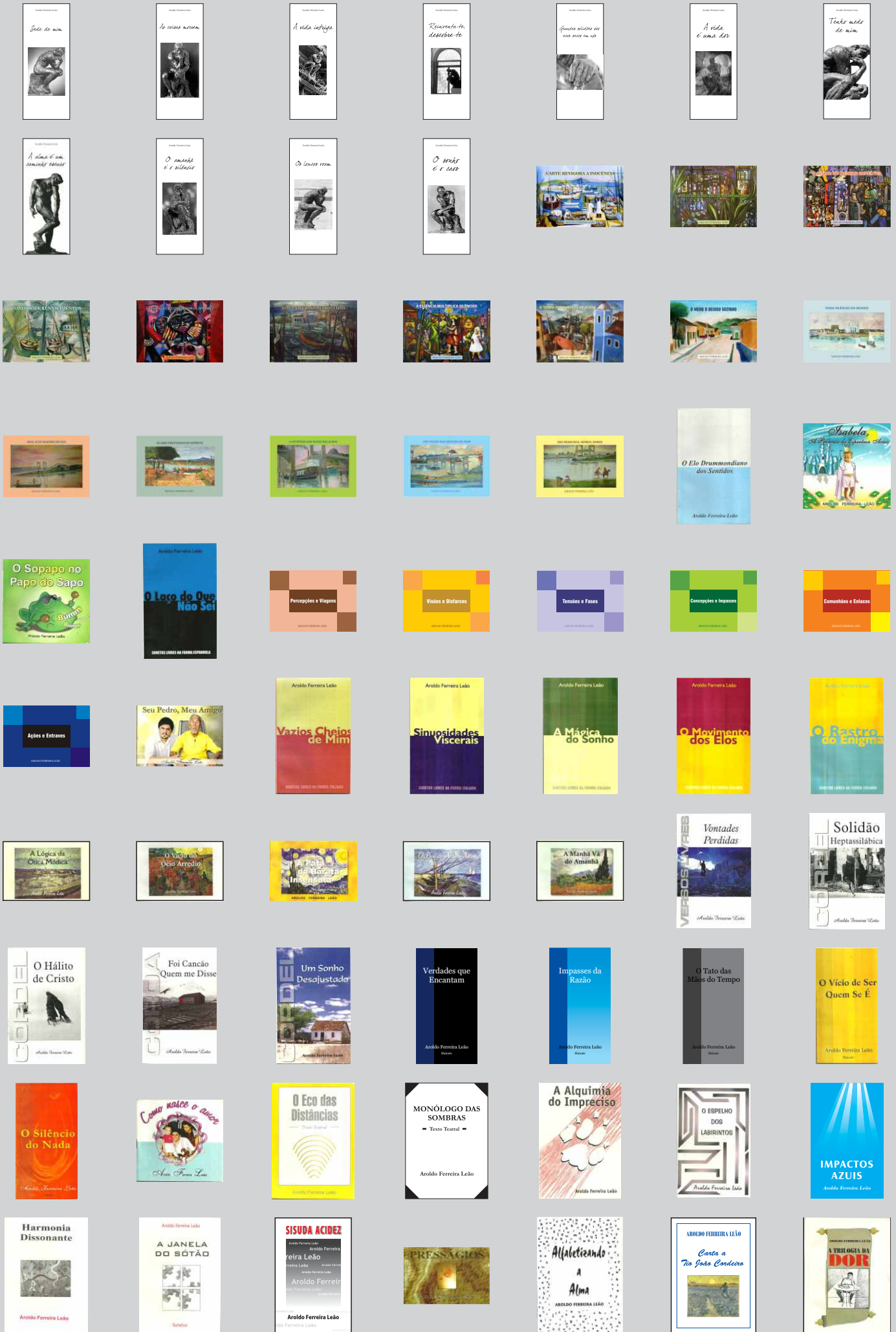
AROLDO FERREIRA LEÃO

TUDO SILÊNCIO DO MUNDO



AROLDO FERREIRA LEÃO

# OBRA COMPLETA: DO 70º AO 1º LIVRO PUBLICADO



**SEBASTIÃO SIMÃO REDIMENSIONA OS IMPACTOS E AS ESSÊNCIAS  
DA OBRA DO POETA AROLDO FERREIRA LEÃO**